

Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 992
 GUIMARÃES, 21 de Janeiro de 1951
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-A Tel., 4313
 Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Jogos Florais Vimaraneses

A origem dos certames literários, dos concursos poéticos, das manifestações artísticas, em suma, remota, sem dúvida, aos tempos da velha Héiade.

Manifestações artísticas, insistentemente, dado que, nesses torneios literários do mundo grego, nas festas panhelénicas, se reuniam músicos e escritores, uns executando composições religiosas (em que predominavam instrumentos como a cítara, a lira e o bárbito), outros desde a poesia lírica à ode, aos cânticos vibrantes, às estrofes consagradas a uma vitória, como os *epinícios*, ao drama, à corografia e à tragédia, acompanhada de coros líricos, e até à eloquência, à arte declamatória, aos chamados *discursos olímpicos*.

Tais certames literários tinham sua realização por ocasião das festas religiosas ou jogos populares, como nos *Olimpícos*, nas Dionísias ou nas *Panatenéias*.

Própriamente, os jogos florais iniciaram-se em Tolosa, no século XIV, com a efectivação de concursos poéticos anuais, em que predominava a lírica trovadoresca e provençal.

A primeira manifestação poética data, salvo erro, de 1323, tendo sido conferida a violeta de ouro ao trovador Arnaldo Vidal. Mais tarde, foram conferidos outros prémios, mais flores simbólicas aos vencedores, como a rosa de prata (ao melhor soneto apresentado), amarantho de ouro, à ode, o cravo de prata (ao género elegíaco, à écloga e à balada).

O cravo de prata era também, por vezes, um prémio de incitamento, ao que hoje, nestes concursos, chamamos *menção honrosa*.

* * *

Lemos há bem pouco que, numa reunião do município bracarense, um ilustre vereador sugeriu a feliz lembrança da efectivação de jogos florais na capital do Minho. A ideia mereceu a aprovação de toda a edilidade, ficando, pois, assente a realização dos Jogos Florais Bracaraugustanos.

Vereadores de 1911

Tendo falecido José Pinto Teixeira de Abreu, presidente da vereação de 1911, cabe-me o dever, como vice-presidente da mesma, de declarar que os restantes vereadores eram os cidadãos: José Ribeiro de Freitas, José Rodrigues Leite da Silva, Júlio António Cardoso, Manuel Caetano Martins e Manuel Ferreira Guimarães.

Basta citar estes nomes para que ninguém possa acreditar que algum deles, por muito bárbaro e vazador de seios camarários que seja considerado, algum dia tenha pensado em demolir o Castelo de Guimarães para construir um bairro operário.

15-1-51.

Mariano Felgueiras.

A exemplo dos já realizados concursos florais em Sintra e em Viana, a Princesa do Lima, por que não realizar também **Jogos Florais Vimaraneses**, tanto mais que se aproxima a data do 1.º Centenário da cidade?

Foi com vivo interesse que lemos as judiciosas e oportunas sugestões do publicista A. L. de Carvalho, num dos últimos números deste hebdomadário, a propósito das iniciativas culturais a realizar no Centenário que se avizinha.

E por que não a realização, nessa altura, de **Jogos Florais Vimaraneses**, em vários géneros literários, desde a trova popular à poesia heróica, consagrada aos Fastos de Guimarães, à monografia regional, em suma?

Sugerimos, pois, a digna edilidade vimaranense e a cultural instituição que é a *Sociedade Martins Sarmiento*, bem como a imprensa local, esta ideia que julgamos merecedora de realização.

Prof. J. MARTINS LIMA.

UMA MORTA VIVA!

Correu com grande e impertinente insistência, cá pela cidade, que uma pobre mulher, que havia sido mordida por um cão raivoso, falecera no Hospital da Misericórdia, em virtude desse acontecimento, não obstante ter feito o devido e aconselhado tratamento. Houve, até, quem chegasse a propalar que à mesma foi aplicada uma injeção para lhe abreviar a vida! Uma afirmação de semelhante natureza é, sem dúvida, de uma responsabilidade que só perante o Tribunal poderia ter o castigo merecido, pois que a sua gravidade tornava-se tanto maior quanto menor fosse a insuficiência da verdade a tal respeito. Porém, como se verificasse que ela não tinha falecido no Hospital, nem tampouco lá tivesse estado internada, surgiu, então, a invenção de que tinha falecido na casa onde residia, o que tinha sido confirmado por vizinhos seus. Em face disso, muitas pessoas de boa fé se convenceram de que se tratava de um facto consumado, motivo por que lamentaram a pouca sorte da mulherzinha em referência.

Porém, todos esses clamores e comentários se transformaram em infeliz e imprudente boato posto a circular sem o menor fundamento e sem a precisão das consequências que boatos de tal natureza poderão ocasionar. Por outro lado, isto demonstra que existem, infelizmente, pessoas que não sabem avaliar a responsabilidade de certas afirmações que fazem, assim como significa também que a verdade e o escrúpulo não lhes merecem o devido respeito.

Trata-se, pois, de mais um exemplo da falta de responsabilidades pessoais e, portanto, de mais um fruto da levandade ou inconsciência com que algumas pessoas se aventuram a *enterrar os vivos e a desenterrar os mortos!* No presente caso, a morta apareceu viva, restando, agora, que aqueles que a *mataram* tomem a liberdade de afirmar que se operou o milagre da Ressurreição. Ora, como *«este que faz um cesto faz um cento»*, não será de estranhar que assim venha a acontecer. No entanto, seja como for, a mulherzinha continua viva e a lutar pela vida e, pelo menos, já com a certeza de que a notícia necrológica a seu respeito lhe fez o adiamento de muitos Padre Nossos pela sua Alma, a única coisa que poderia ter lucrado com a propaganda dos que lhe concederam o passaporte para outro mundo, sem o consentimento de S. Pedro nem o visto do *guarda* do cemitério da Atouguia.

E aqui está, em sucinta apreciação, como muitos se inventam os maiores e mais diabólicos disparates. Por nossa parte, muito nos regozijamos com a saúde da *morta viva* e oxalá que a notícia que circulou a seu respeito obrigasse os seus inventores a um cuidadoso exame de consciência a fim de que, de futuro, desapareça tão ridícula e inconveniente boataria.

S. M.

O ANIVERSÁRIO DO «NOTÍCIAS»

Continuámos a receber durante a semana que findou muitas felicitações de amigos dedicados — Colaboradores ilustres e leitores assíduos — a propósito do recente aniversário do nosso jornal.

Vários colegas, entre os quais queremos destacar o prezado colega local «O Comércio de Guimarães», também se referiram ao facto em termos que deveras nos penhoram.

A todos, aqui queremos deixar o nosso melhor agradecimento por tamanhas provas de amizade como aquelas que vimos de receber e não esqueceremos.

Presidente da Câmara

Em Lisboa, onde acidentalmente se encontrava a tratar de assuntos de interesse para o Concelho, adoeceu e teve de submeter-se a uma intervenção cirúrgica de emergência, no Hospital de Jesus, o nosso prezado amigo e ilustre Presidente

IRREFLEXÃO

Afirmou um dos oradores no acto de posse da nova vereação que a João Franco ficou devendo Guimarães, exclusivamente, tudo quanto conseguiu no meio século que findou agora.

Temos de interpretar estas palavras não pelo que elas literalmente e logicamente exprimem, mas, lealmente, pelo sentido que o orador lhes quis atribuir; e esse terá sido o de que em Guimarães nada se conseguiu há meio século e tudo quanto no meio século anterior se conseguira fora exclusivamente devido a João Franco. Se nos prendessemos à significação estrita das palavras, tais como a imprensa no-lastransmitiu, resultaria o absurdo de ser devido a João Franco, depois de morto, política e fisicamente, tudo quanto nesta terra se conseguiu há 50 anos!

Afastado, pois, como nos cumpre, o lapso da expressão, a primeira conclusão a tirar é que, a ser exacta a ideia do orador, Guimarães nada deve a República, nada nesta terra se fez ou conseguiu desde 1910, data em que foi proclamada sob a forma democrática e parlamentar, ou ao regime político da Nação instituído em 28 de Maio de 1926.

E será isto verdade? O Pevidém, por exemplo, que o orador nos disse ser o seu destino marcado para o final da sua vida, será hoje o mesmo que era em Outubro de 1910 ou Maio de 1926? Não progrediu, não se transformou, não há nele nada de novo que os seus habitantes tivessem pedido e conseguido?

João Franco baqueou em Fevereiro de 1908, arrastando na sua queda tradições de oito séculos que tanto ajudou, na sua obcecação, a esboroar e derruir. Se tudo quanto em Guimarães se conseguiu a ele, exclusivamente, se deve, não

é desde 1910 que nada se consegue, é desde Fevereiro de 1908. Terá Guimarães parado e estagnado há 43 anos? Há mais anos ainda, porque, seguindo o que tem sido publicado por panegiristas devotadíssimos de João Franco, o último serviço que se lhe deve é a organização do seminário-liceu e esta foi decretada em 1896. Portanto, a não ter havido irreflexão nas palavras do discurso que comentamos, há 55 anos que nada se teria feito ou conseguido em Guimarães. Desnecessário será qualquer coisa acrescentar para que todos que tenham olhos para ver vejam que não está certo.

João Franco, homem inteligente e político hábil, que não foi eleito pela «fé e querer dos vimaranenses» de quem era desconhecido quando Fontes o recomendou, soube, porém, aproveitar-se da exaltação apaixonada e vibrante dos vimaranenses que um insulto de Braga levava ao máximo da indignação, para se insinuar no afecto de Guimarães. E conseguiu-o; e mereceu-o porque, de facto, ele foi sempre grato e dedicadíssimo aos seus amigos desta terra, que lhe correspondiam garantindo-lhe as suas eleições sucessivas por este círculo.

E Guimarães teve a boa sorte de haver nessa época uma pléiade de vimaranenses que amavam e sabiam amar a sua terra, que sabiam pedir e descobrir o que a Guimarães mais convinha para o seu progresso, incansáveis no seu esforço, inexcedíveis no seu entusiasmo, heróicos e fanáticos no seu bairrismo. E essa pléiade tinha a protecção e a dedicação agradecida de um político omnipotente, João Franco.

O progresso de Guimarães nessa época deve-se a esses vimaranenses, que esses, sim,

PRISIONEIRO

(Para quando o meu afilhado souber ler).

Negrinho canta como um negro
 E canta toda a noite: gri!
 Gri! gri! Do seu toско aconchego
 Mãos trouxeram-no para ali...

Preso na gaiola ali pensa
 Nas noites calmas de luar!...
 Agora a noite é negra, imensa!...
 Sempre a trilar, sempre a trilar!...

Pensa na toca abandonada
 Onde sonhava em seus serões
 Naquela grila namorada
 De eternizadas afeições!...

Pensa nos fenos que roía,
 Na erva verde, a sua eleita;
 Pensa no sol do meio-dia
 Que lhe beijava a porta estreita!...

Muito negrinho, asas erguidas,
 Gri! gri! gri! gri! Ai que saudade
 Do calmo tempo e noites idas
 Quando cantava em liberdade!...

DELFINO DE GUIMARÃES.

da Câmara Municipal, sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa.

Sabemos que o estado de saúde do enfermo é satisfatório, com o que deveras nos congratulamos, ao mesmo tempo que fazemos votos pelo seu breve e completo restabelecimento.

SAUDAÇÃO

do General Eisenhower

na sua passagem por Portugal

«Trata-se de uma viagem de exploração, embora não possa pretender tanta fama como um dos vossos exploradores — Vasco da Gama. Esta é, no entanto, uma viagem de exploração muito importante porque tento averiguar se todos nós, os que pertencemos à organização do Tratado do Atlântico Norte, estamos dispostos a defender os direitos que incluem liberdade de palavra, de trabalharmos onde nos agrada e de culto, de acordo com a religião que seguirmos.

Se estais dispostos a fazer isso parece-me que podemos estabelecer uma organização pacífica, desde que a façamos juntamente. Devemos constituir uma unidade.

Lamento bastante que esta minha viagem a Portugal seja tão curta, mas não-de compreender que tento visitar onze capitais em cerca de quinze dias.

Não vou falar, portanto, de pormenores. Não pedirei a ninguém que me apresente planos específicos de qualquer natureza, militares ou de outra ordem.

Trataremos apenas de generalidades da situação, os seus princípios e fundamentos, para ver se os nossos corações se encontram juntos. Creio, como soldado que sou, que se os povos estão unidos nos seus corações, pouca dificuldade terão em unir-se espiritualmente.

Asseguro-vos que constituo para mim um grande agrado encontrar-me pela primeira vez entre vós e entre o vosso povo.

Espero ter, nas próximas vinte e quatro horas, um dos melhores momentos da minha vida. Disso estou certo. Para começar, digo-vos que fiquei encantado com a temperatura...»

Os Livros e os Leitores

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

XIII

Pôr em equação livros e leitores é determinar a posição que estes assumem no complexo da vida mental, na apreensão dos valores da cultura e do pensamento. E' caracterizar a psicologia, os gostos, as preferências, as aptidões dos leitores — e isto de acordo com o sexo, com o temperamento, com a idade. Por isso, o prazer de ler varia de leitor para leitor: ele é mais intenso nuns, mais atenuado noutros, graças ao maior ou menor grau de preparação, à

maior ou menor soma de conhecimentos de que dispõem e à afinidade que se estabelece entre eles e os autores. E à medida que progredem em saber, vão aperfeiçoando o gosto, aperfeiçoando o senso crítico, desenvolvendo a personalidade.

Os livros estão ligados à vida da pessoa que os lê: fazem delirar aos vinte anos e aos quarenta provocam o riso quando se descobrem situações falsas e enredos

Conclui na 4.ª página.

União sagrada

—«Por Guimarães!»

No ano remoto de 1835 escrevia o «Artilheiro» — jornal semanário muito lido em Guimarães — dirigindo-se aos homens da governança local:

«Que têm Vossas Nulidades feito a favor dos interesses do concelho? Nada! As ruas da Vila estão como em tempo de assédio: cai-se nelas de dia. As estradas, não falemos; os expostos, vão ao cemitério que lhes

são inesquecíveis e a protecção que lhes dedicou João Franco era a mesma que outro qualquer deputado, grato aos seus eleitores e deles necessitando para base eleitoral futura, lhes dispensaria na medida da sua influência política.

E' por isso que, quando olhamos para o monumento que os últimos paladinos da época dos «entusiastas» ergueram nesta cidade a João Franco, sentimos que falta alguma coisa de grande naquelas pedras nuas; é os nomes dos bairristas insignes que se tornaram idólatras de um homem porque ele sabia acolhê-los e ajudá-los na sua paixão imensa, mas sempre reflectida, acertada e oportuna, pelo progresso da sua terra.

Se outros deputados sucederam a João Franco que não conseguiram grandes coisas para Guimarães é porque só pequenas coisas ou nada lhes pediram. E' porque nesta terra tudo é incenso e modorra. Não cabe aos deputados, quase sempre, como João Franco, dela estranhos, descobrir ou impor o que mais possa convir para o progresso vimaranense.

De alguns sabemos nós, que não eram daqui, nem sequer eleitos por iniciativa vimaranense e que foram dedicadíssimos por Guimarães. Fizeram menos do que João Franco? Sem dúvida, mas porque as oportunidades se lhes não ofereceram e o tempo lhes faltou para o excederem e, sobretudo, porque aos vimaranenses de então falharam as iniciativas que aos contemporâneos de João Franco sempre sobreram.

A outros que, não sendo por aqui eleitos mas eram daqui, alguma coisa, também, se tem devido e que é injustiça e ingratitude desdenhar. Faleceu agora o Dr. João Antunes Guimarães, vimaranense ilustre e sem mácula, republicano e patriota, sem outras ambições que ser útil ao seu país e à terra onde nasceu e viveram seus antepassados. O concelho de Guimarães deve-lhe muito e ele merece bem a homenagem e o reconhecimento dos vimaranenses. A outros que nada de notável fizeram pela terra precipitadamente se prestam honras e favores sem esperar que o tempo apague a lembrança ainda tão viva de grandes feitos, erros e volubilidade de carácter. João Antunes Guimarães não precisa do esquecimento dos homens para se impor como merecedor do nosso respeito e do nosso agradecimento. A obra dele é patente e perdurável. E' injusto ignorá-lo. E' destes últimos 50 anos e não se deve a João Franco.

A que propósito veio à posse da nova vereação a memória deste tão discutido homem público?

Tem já o malogrado ditador, que não soube defender a vida do seu Rei, a consagração de um monumento que só em Guimarães lhe podia ser erigido. Deixemo-lo em paz.

M.

responda; as águas públicas, servem para lavar os coiros e regar os campos dos particulares; os viveres e as mais miudezas marcham à revelia».

Esta notícia de desabafo e acusação arrastava ao pelourinho da Opinião Pública os magnates mores da terra.

Vai estes, que se lembram de fazer: fundar uma Sociedade Patriótica Vimaranense.

Era, na aparência, um propósito de Vida Nova. Perante a acusação da gazeta — que, certamente, reflectiria o pensamento de toda a gente pensante — nada mais eficaz que fundar uma instituição para congregar vontades, unir esforços no sentido do *ala-arriba*, «por Guimarães».

A primeira reunião deste *conclave* bairrista realizou-se no Tribunal da comarca sob a presidência do respectivo Magistrado. A segunda reunião teve lugar no teatro do Conde de Vila Pouca, ao Campo da Feira.

Destaco estas palavras proferidas pelo Presidente da grande sessão, onde se votaram os estatutos:

«Vamos congratular-nos na presença do Sagrado Objecto da nossa idolatria nacional».

E o extracto da sessão continua:

«Então, todos os sócios e os numerosos espectadores que enchiam as galerias, se levantaram, e os dois Presidentes, Sousa Girão e Barão de Vila Pouca, descobriram a effigie da Soberana, e bradaram: — Viva a Carta Constitucional! Viva a Rainha D. Maria 2.ª».

Temos, pois, a descoberto, que o «Sagrado Objecto» da Sociedade Patriótica Vimaranense de 1835 era — a «carta constitucional».

Contudo, os seus fundadores proclamavam: que a sua maior preocupação era erguer do marasmo, da apatia, os brios vimaranenses em prol dos progressos da terra.

Contava esta S. P. V. 42 sócios fundadores. A sua frente estava o escol da sociedade vimaranense, como se pode aquilatar por esta amostra: Ant.º Clemente de Sousa Girão, Juiz de Direito; J. Fortunato Ferreira de Castro, deputado; Jerónimo Martins da Costa, sacerdote; J. de Sousa Bandeira, jornalista; J. Joaquim Fernandes Guimarães, negociante; Ant.º Ferreira de Eça e Leiva, vereador; Bento de Oliveira Cardoso, advogado; António Leite de Castro, capitalista; Barão de Vila Pouca, Miguel António Moreira de Sá e muitos mais da mesma estirpe.

Segundo a letra dos estatutos, tudo era — «Por Guimarães». Se os foguetes e os vivas punham a Carta Constitucional e a Rainha D. Maria II nos píncaros, nem por sombras isso queria significar para estes liberais sonhadores, outra coisa que não fosse: união e concórdia, progresso e defesa dos interesses de Guimarães.

Má liga esta. Porquanto, o resultado seria: os contrários, aqueles que na intimidade das sociedades secretas entronisavam o Senhor Rei D. Miguel 1.º, esses ficavam de fora. A união e concórdia apregoadas, eram pois, sentimentos generosos, mas improficuos. Azeite e vinagre, não se juntam. Pedristas e Miguelistas, jamais os veriam de braço dado.

Agora, quanto a resultados em prol da terra, nada se apurou.

Apenas isto: que ao termo

Impressões e Comentários

Meu caro amigo

Lamento muitíssimo que a falta de educação, de que me falas, também tenha assentado arraias na tua terra. Infelizmente, não é só por aí que essa falta se torna notória. Em outras terras sucede o mesmo, com a agravante de possuírem o que a tua não possui, isto é, de terem o serviço policial e, portanto, de se encontrarem em condições de melhor poderem combater a má educação.

Porém, sob esse ponto de vista, ainda nos encontramos muito longe do objectivo a atingir, tantos são os casos em que a repressão à má educação, na via pública, não é caracterizada pela eficiência desejada, quando é certo que todos os esforços se deveriam empregar nesse sentido.

Ninguém deverá ignorar que a rua também poderá ser uma escola e que esta será boa ou má, conforme todos os actos reveladores da falta de educação forem ou não devidamente reprimidos, sobretudo onde houver o policiamento e, por conseguinte, onde os agentes da Autoridade cumpram o dever de intervir nos desmandos que forem considerados prejudiciais à boa educação. De resto, se assim não acontecer, evidentemente que a rua tem — por força e não por jeito — de ser uma escola má, porque, nesse caso, todo o *bicho careta* poderá insultar quem quizer e proferir as obscenidades que lhe apetezer, uma vez que tem a certeza de que nem os encarregados de manter a ordem tomarão providências. Como vês, há uns males que se avolumam por negligência ou desleixo de quem os poderia evitar e outros — como sucede na tua terra — porque não há o receio da intervenção da Autoridade policial, visto esta não existir aí, não obstante se tornar necessária. Enfim, pouco ou nada corre à medida dos nossos desejos e, por isso, teremos de nos conformar com a sorte que temos. Vivemos numa época em que no mundo só existem desinteligências ou desentendimentos, egoísmo, rancor, intransigências, etc., etc. Eis o que, em resumo, me apraz dizer-te sobre a tua repugnância pela falta de educação.

Abraça-te o teu amigo certo.

Guimarães, 18-I-1951.

A.

de quatro anos de existência desta sociedade, tudo caía por terra. Efêmera existência, para tão alto sonho.

Em 1839 a S. P. V. entregou à Câmara, com o seu espólio, um saldo de 96\$290 réis. Uma fortuna, pelo valor da moeda em 1835.

No momento da entrega, ficou expressa esta condição: caso a S. P. V. surgisse das cinzas, tudo lhe seria restituído.

Não consta que esta herança transitasse a novos precursores de sociedades de defesa e propaganda.

Ficam, pois, habilitados a este património aqueles que, preconizando a necessidade de se fundar uma instituição para a causa «Por Guimarães», bem legitimamente podem utilizar este fermento da S. P. V. de 1835.

Mas cuidado! Ponham a «Carta» e mais a «Rainha», fora do «Objecto Sagrado».

Aprendamos com o exemplo de 1835. Política de partidos, à parte.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

ADUBOS Cães vadios

Referi-me, no último artigo, à maneira de fornecer ao solo, por intermédio de estrumes, os elementos de que as plantas carecem. Hoje vou referir-me a outro meio de os fornecer, que deve ser encarado como um complemento do primeiro: as adubações.

Os adubos químicos são quase sempre de natureza inorgânica, mas há-os orgânicos como a ureia, e orgânico-inorgânicos como a cianamida cálcica.

Quando ao elemento que fornecem ao solo, os adubos podem ser azotados, fosfatados, potássicos e mistos.

Evidentemente, como qualquer planta necessita simultaneamente de todos os elementos nobres, toda a adubação racional os deverá conter. No entanto, como as exigências de cada planta são diferentes, e como a riqueza do solo varia com causas que apontei, as adubações estão muito longe de fórmulas rígidas, que se empreguem para todas as plantas e em todos os terrenos.

O quadro que se segue, da autoria do Prof. Lima Alves, dá-nos as quantidades de elementos a fornecer por hectare, a *terrenos e colheitas normais*.

	Azoto	Ácido tof.	Potassa
Prados naturais	40	50	50
Trigo	60	30	50
Centeio	40	30	50
Batatas	45	60	120
Couves	100	60	100
Nabos	28	90	90
Milho	28	90	90
Trêvo	0	40	100

Mas não dar uma importância exagerada ao quadro, porque o termo «*colheitas e terrenos normais*», é difícil de definir.

Vou fazer agora umas ligeiras referências aos adubos mais usados.

Adubos azotados — os mais usados são o nitrato de sódio, o sulfato de amónio e a cianamida cálcica.

O *nitrato de sódio* doseia cerca de 15% de azoto, que é directamente absorvido pelas plantas, pelo que o seu emprego está indicado para culturas de curto período vegetativo e quando se desejem efeitos rápidos.

E' o que acontece quando as plantas se apresentam amarelcidas: a aplicação de nitrato, tem efeitos rápidos e notáveis, mudando totalmente o aspecto da cultura.

Sucedo, no entanto, que o solo tem pouco poder de retenção para o nitrato, pelo que em regiões chuvosas, ou aplicado antes de chuvas fortes, corre o risco de ser arrastado pelas águas, perdendo-se os seus efeitos benéficos.

O *Sulfato de amónio*, que doseia entre 21% de azoto é adubo de que não devemos abusar na nossa região, pois para poder ser assimilado pelas plantas, necessita de sofrer transformações, nas quais se perde grande parte do cálcio do terreno, agravando-se a sua acidez, já de si excessiva.

E' de efeitos mais lentos que o nitrato, mas o complexo do solo retém-no com energia, não sendo arrastado pelas águas.

A *Cianamida cálcica*, talvez mais conhecida por *cal azotada*, é um precioso adubo para a nossa região, pois além do azoto em percentagens variáveis (18 a 21%) contém ainda cerca de 60% de cal, tão útil aos terrenos ácidos. E' um bom adubo para culturas regadas, em especial para o milho, sendo ainda mais de aconselhar o seu uso para esta cultura, por diminuir os efeitos nocivos do *alfinete*.

Adubos fosfatados — os 2 mais usados são o superfosfato de cálcio e o fosfato Tomás.

O *superfosfato* está mais generalizado, por ser de mais fácil utilização pelas plantas, visto ser substituído por fosfato monocálcico, solúvel na água.

A percentagem de ácido fosfórico mais vulgar neste adubo é 18%.

O *fosfato Tomás* doseia cerca de 18% de ácido fosfórico, doseando além disso cerca de 50% de cal.

Adubos potássicos — os 2 mais vulgares são o *cloreto* e o *sulfato de potássio*. Ambos, para serem utilizados pelas plantas, tem de sofrer a transformação em carbonato de potássio.

Esta transformação é possível por intermédio do carbonato de cálcio existente no solo.

Da reacção do *cloreto* de potássio com o carbonato de cálcio, formam-se o carbonato de potássio (que é absorvido pelas plantas) e *cloreto* de cálcio, que sendo solúvel, é arrastado pelas águas, originando-se portanto uma descalcificação intensa do terreno.

Com o sulfato de potássio isso não se verifica, porque da sua reacção com o carbonato de cálcio, se originam o carbonato de potássio e sulfato de cálcio, que sendo insolúvel, não é arrastado pelas águas.

Devemos pois dar preferência ao sulfato de potássio, visto o seu aproveitamento necessitar das mesmas transformações que o *cloreto* e doseiam sensivelmente a mesma quantidade de potássio (cerca de 50%).

Agora, para fazer uma adubação, escolhiamos primeiro os adubos mais convenientes; calculávamos depois as quantidades desses adubos a empregar para fornecer ao solo os elementos nobres que a planta a cultivar requeria e fazíamos a aplicação desses adubos, misturados se nisso não houvesse inconveniente, ou, separadamente, se a sua mistura fosse incompatível. Dos adubos de que falei, não se podem misturar os seguintes: Nitrato com superfosfato (a não ser que se aplique imediatamente após a mistura).

Sulfato de amónio com cianamida, Sulfato de amónio com fosfato Tomás, Cianamida com superfosfato e Superfosfato com fosfato Tomás.

O fosfato Tomás não deve manter-se muito tempo misturado com os adubos potássicos, pois forma-se uma massa dura.

Figuremos por exemplo que pretendíamos estabelecer uma adubação para milho. Diz-nos o quadro que teremos de fornecer 28 Kg. de azoto, 90 de fósforo e 90 de potássio.

Escolhiamos para adubos, por exemplo, a cal azotada, o superfosfato e o sulfato de potássio, que doseavam respectivamente (as doses vem sempre marcadas por lei nos sacos) 18% de azoto, 18% de fósforo e 50% de potássio.

Para fornecer os 28 Kg. de azoto necessários deveríamos tomar:

$$\frac{28 \times 100}{18} = 160 \text{ Kg. de cianamida.}$$

Para o fósforo teríamos que fornecer:

$$\frac{90 \times 100}{18} = 500 \text{ Kg. de superfosfato.}$$

Para o potássio teríamos:

$$\frac{90 \times 100}{50} = 180 \text{ Kg. de sulfato de potássio.}$$

Atendendo a que os nossos terrenos são ricos em potássio, podíamos reduzir a dose de sulfato de potássio para 150 Kg.

Teríamos pois que empregar:

160 Kg. de cianamida, 500 de super e 180 de sulfato de potássio.

E' preciso atender a que não os podíamos aplicar misturados, porque a cianamida não se pode misturar com o super. O mais certo seria fazer a preparação do terreno, aplicar a cianamida, enterri-la com uma gradagem, e, passados uns dias, aplicar então misturados o super e o sulfato de potássio.

José Clemente D. Pereira.

Dr. João Antunes Guimarães

A propósito do falecimento deste prestimoso vimaranense recebemos a seguinte nota:

«A Comissão da União Nacional Distrital do Porto, por intermédio da Distrital de Braga, apresentou os seus cumprimentos do mais profundo pesar ao Chefe do Distrito, pelo falecimento do Dr. João Antunes Guimarães filho ilustre do Distrito de Braga. O Senhor Governador Civil, pela mesma via, testemunhou os seus agradecimentos à Comissão Distrital da União Nacional do Porto».

ESCOLA INDUSTRIAL

Em serviço de Inspeção à Escola Industrial e Comercial, esteve nesta cidade o Inspector do Ensino Técnico Profissional, sr. Calvet de Magalhães.

Aluga-se CASA

Com 11 divisões, quarto de banho, lojas, grande quintal, na Avenida D. João IV, 50. Informa na mesma Avenida, 54.

S O A R E S

CABELEIREIRO

participa às Ex.^{mas} Senhoras que já recebeu mais óleo para as PERMANENTES A FRIO que com êxito tem executado no seu «Salão», à Rua da Rainha — Telefone, 40298.

A propósito das providências que recentemente foram tomadas pela Câmara Municipal de Guimarães e sancionadas por Sua Ex.^a o Ministro do Interior, referentes aos cães que vagueiam pela cidade, de dia e de noite, só temos a louvá-las e a aplaudí-las. De facto, alguns casos ocorridos com cães raivosos não poderiam deixar de provocar essas providências, tanto mais que os mesmos são de graves consequências. No entanto, parece-nos não estar certo que um cão não vadio e que, por isso, só por mera casualidade poderá aparecer na via pública, por alguns instantes, seja abrangido por essas providências de emergência. Quanto aos outros, evidentemente que, não conhecendo outro dono que não seja a rua, todas as precauções se tornam necessárias, mas, quanto a estes, que não estão expostos ao perigo de serem mordidos, afigura-se-nos ser de justiça não os submeter logo à pena de Talião, no caso de serem apanhados. Além disto, um cão nestas condições, embora se escape, uma vez por outra, para a rua, não se afasta, no geral, da casa de quem o possui. Ora, sendo assim, eis a razão das breves considerações que acabamos de fazer e para as quais tomamos a liberdade de chamar a atenção de quem de direito. De resto, o que é de lamentar é que certas pessoas pretendam ter cães, sobretudo de caça, mas que só pensem em alimentá-los e tê-los presos durante o tempo em que precisam de os utilizar.

Porém, há, infelizmente, quem proceda assim.

X.

«O Lar do Comércio»

No sorteio de «O Lar do Comércio», há dias realizado, foram premiados os seguintes números:

1.914, 41.º; 8.499, 7.º; 15.689, 22.º; 20.035, 36.º; 38.506, 27.º; 62.291, 50.º; 67.309, 19.º; 70.062, 35.º; 70.571, 16.º; 79.017, 20.º; 95.043, 11.º; 96.274, 3.º; 99.142, 8.º; 99.861, 48.º; 104.961, 12.º; 124.961, 4.º; 138.129, 44.º; 145.674, 1.º; 162.545, 33.º; 167.095, 25.º; 183.592, 5.º; 189.766, 26.º; 194.894, 40.º; 198.531, 37.º; 206.420, 24.º; 210.551, 21.º; 223.045, 38.º; 223.596, 29.º; 224.447, 45.º; 237.820, 6.º; 263.618, 31.º; 265.232, 46.º; 268.856, 14.º; 280.796, 49.º; 283.995, 25.º; 286.280, 13.º; 292.835, 43.º; 296.632, 39.º; 298.926, 47.º; 315.255, 17.º; 332.183, 18.º; 361.394, 42.º; 361.579, 9.º; 365.077, 30.º; 365.565, 15.º; 368.627, 32.º; 371.604, 2.º; 379.252, 10.º; 386.131, 34.º; 398.099, 28.º.

Os bilhetes com os números de 143.600 a 143.699, estão premiados com uma libra em ouro, por corresponderem à centena do 1.º prémio.

Os bilhetes com os números de 371.600 a 371.699, estão premiados com uma caixa com uma dúzia de lenços de homem — Senhora da Hora — por corresponderem à centena do 2.º prémio.

Os prêmios, que só serão entregues contra a apresentação do respectivo bilhete, só são entregues até ao dia 30 de Abril. Findo aquele prazo, revertem a favor de «O Lar do Comércio».

Clube Industrial do Pevidém

Recebemos o seguinte officio, que nos apraz arquivar: ... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

GUIMARÃES.

A Direcção do Clube Industrial do Pevidém, muito sensibilizada pelo acolhimento dispensado pelo seu conceituado jornal aos Torneios de Tiro aos Pombos realizados por este Clube durante o ano de 1950, vem agradecer todas as manifestações dispensadas. Com cordeais saudações subscrevemos-nos

A Bem do Desporto.

Pevidém, 15 de Janeiro de 1951.

Pela Direcção, José Gonçalves da Cunha.

FUTEBOL

EM SANTO TIRSO

Vitória, 2. Oriental, 2

Portiada reacção dos Vimaraneses nos 45 minutos finais.

Para dar cumprimento ao castigo imposto pela F. P. F., devido aos incidentes verificados na Amorosa, a quando do encontro com o Sporting da Covilhã, a turma vimaranense teve que deslocar-se a Santo Tirso, para defrontar, no campo Abel de Figueiredo, o Oriental, de Lisboa.

Apesar desse contratempo, não sentiu o Vitória ambiente desfavorável, visto que os «ferrenhos» não deixaram de ir deabalada até Santo Tirso, não diminuindo, por conseguinte, esse factor.

O resultado não deixou de ser lisonjeiro para os lisboetas, conseguindo, portanto, adicionar à sua classificação mais um ponto, obtido num jogo cujos prognósticos lhe eram totalmente adversos.

Foi factor preponderante, para que o empate resultasse, a pouca afoiteza demonstrada pela avançada vitoriana, onde os interiores patentearam pouca eficiência, ora perdendo lances de finalidades proveitosas, ora a sorte os não bafegasse nos constantes remates com que assediaram as redes lisboetas, e que muitas vezes deram a sensação de tento, mas a que, numa ocasião as boas intervenções de Graça punham termo, e noutras, a bola se perdia saindo rente aos postes.

A acrescentar a esta proposição, — embora os tentos dos lisboetas tivessem resultado de jogadas fortuitas e inofensivas, e que poderiam ter sido evitados, principalmente o primeiro, se o guarda-vimaranense tivesse agido com um pouco de visão e calma, — há que levar em conta as jogadas e remates que o Oriental desperdiçou em frente das balizas de Silva, chegando a ter, por duas ou mais vezes, por intermédio do seu avançado-centro, outros tantos tentos à vista que, ora se perdiam nas nuvens, ora nas mãos do guarda-redes dos visitados, que neste encontro teve actuação meritória, embora os deslises, que originaram os dois pontos dos lisboetas, tivessem ofuscado essa actuação.

Por conseguinte, os dois tentos do Oriental foram aceitáveis. Outrotanto sucedeu à turma de Guimarães.

vezes com intervenções em último recurso.

Depois deste período o Vitória tomou o comando da partida, verificando-se aos 26 minutos o primeiro ponto do prélio: Franklim rematou forte e raso, e quando Graça se lançava para bloquear, o seu companheiro Alfredo, ao tentar interceptar o remate do jogador vitoriano, desviou a trajectória da bola que se foi anichar nas redes do guarda-lisboeta, sem possibilidades de defesa para este.

O 2.º ponto foi obtido por F. Mota: o extremo-direito, Franklim, marcou um canto, fazendo passar a bola em frente das balizas de Graça, sem que qualquer jogador nela tocasse, até que o avançado-centro vimaranense, deslocado para a extrema esquerda, a tocou com precisão para as redes.

A usufruírem os vimaranenses, aos 35 minutos, a vantagem de duas bolas, e quando tudo fazia prever que o Oriental não conseguiria aligeirar a diferença, os vimaranenses, não tendo sabido cuidar convenientemente dessa vantagem, deram aso a que os visitantes, imprimindo um cunho mais acentuado ao esquema de jogo que vinham desenvolvendo desde o início da partida, obtivessem, aos 40 minutos, o primeiro tento por intermédio de Alvarinho, que ao receber a bola de Almeida, a cabeceou à vontade, com Silva já batido que accorreu, e que poderia ter evitado, a tentar captar a bola por alto, tendo-lhe esta passado entre as mãos.

E com o resultado de 2-1 a favor dos vimaranenses chegou o fim do primeiro tempo.

Na segunda parte, a partida começou a ser disputada em toada mais veloz e movimentada, continuando os lisboetas a vincar mais nítida e eficazmente o seu sistema de triangulação, com toques subtis entre o trio avançado, conseguindo, deste modo, infiltrarem-se com mais frequência na zona de remate e visar de perto e de longe as balizas defendidas por Silva, até que, aos 8 minutos, viram premiados os seus esforços, estabelecendo o empate por intermédio de Almeida. Silva havia defendido um remate de Leitão, lançando-se sobre a bola que tomara o rumo oposto ao lado onde se encontrava, e não conseguindo segurar o esférico, Almeida aproveitou bem a oportunidade criada.

Após o empate, os vitorianos, receando o amargo de uma derrota, reagiram, e, redobrando de entusiasmo, imprimiram maior velocidade às jogadas.

Foi neste período de reacção dos vimaranenses que se assistiu a alguns momentos agradáveis, que muito valorizaram o prélio, revestindo-se os lances de forte emoção e entusiasmo, não tendo o Vitória, que voltara ao ataque e criar ocasiões de perigo para as balizas lisboetas, visto coroados de êxito os seus esforços, pelo que o resultado se manteve.

Duas ocasiões soberanas teve F. Mota para fazer oscilar o marcador: na primeira, com o guarda-lisboeta estendido no solo, desferiu com conta um remate, e a bola teria chegado às balizas dos visitantes, se não tivera encon-

trado o pé de Brioso, que accorreu à jogada com o intuito de tirar proveito dela, mas fez desviar a bola que, em seguida, saiu a roçar o poste; na segunda, no minuto final, o referido jogador, F. Mota, aproveitou um deslize do defesa direito contrário, apoderou-se da bola e, com o campo livre, acabou por rematar precipitadamente, indo o esférico parar às mãos do guarda-lisboeta do Oriental.

— Deu-nos o prazer da sua visita

— Deu-nos

Os Livros e os Leitores

Continuação

complicados. Dão-nos a idade psicológica do leitor.

E' conhecida a poesia:

*J'aime les romans à vingt ans,
Aujourd'hui je n'ai plus le temps;
Le bien perdu rend l'homme avare;
J'y veux voir moins loin mais plus clair.
Je me console de Werther
Avec la reine de Navarre.*

Com efeito, o livro que nos acompanha no carro ou no eléctrico ou que repousa no quarto, na mesinha de cabeceira, ao nosso lado, é o índice revelador da nossa alma, do nosso estado mental, das nossas preocupações. Por isso diz muito bem o autor das Farpas «*pelo livro escondido no estojinho da costura ou aberto no toucador, podemos ajustar como pensa, nesse dia, a dona desse toucador e do estojinho*». Roda o tempo, e o mesmo livro, que se folheia para uma leitura amena, já não produz aquela impressão de encantamento e de júbilo que produzira, quando a primeira vez o tivemos na mão e o lemos com interesse.

Selma Lagerlof, como afinal a maior parte dos leitores, impressiona-se, exalta-se, transporta-se à região da fantasia, ao fazer a iniciação da leitura do seu primeiro livro. Com que ternura, com que amor ela lê aquelas páginas de magia e emoção! Foi esse livrinho, cheio de poesia e de sonho, que teve o condão de fazer vibrar a sua sensibilidade e despertar o talento de escritora. Graças a ele entrou ela no caminho da sua vocação literária. Mais tarde, volta a encontrar esse livro e, ao reler as suas páginas, tem tentações de o atirar pela janela fora — tão inverosímil o acha...

Os nossos livros predilectos — os livros reais — como disse alguém, são aqueles que estão em consonância com as nossas ideias.

Que alegria sentimos, que contentamento experimentamos, quando os livros nos revelam os nossos desejos, a nossa maneira de ver, os nossos ideais. Dá-se, por vezes, entre o autor e o leitor a propósito daquilo que exprime ou das personagens que cria, uma verdadeira identificação psicológica, o que para muitas pessoas atacadas de tristeza e melancolia é um bem, pois lhe apressa a cura, reintegrando-as na comunidade humana de que se julgavam afastadas. Então a poesia levanta-nos ainda mais longe: até ao próprio espírito criador do poeta, numa comunhão espiritual que nos deslumbra, correspondendo à nossa ansia de beleza e de amor. O crítico francês Charles Du Bos afirma, segundo essa ordem de ideias que a *literatura é o lugar de encontro de duas almas*, constituindo «*a relação mais íntima a que a literatura pode dar origem*».

O leitor é indispensável ao autor; sem ele a literatura não passaria de uma arte vã, sem repercussão. E' o leitor pela sua atitude que dá vida, realidade à obra do escritor cujo conteúdo valoriza, critica ou deprecia.

Pode mesmo, a esse respeito, formar-se uma galeria de leitores agrupados consoante as suas preferências e o modo como reagem às leituras — leitores de poetas, leitores de filósofos, leitores de historiadores, leitores de romancistas. E por essa leitura interessada, por essa preferência se avalia o tipo do leitor, a sua idiossincrasia. Compreende-se o dito da heroína do romance «*La Robe de Laine*» de Henri Bordeaux: — «*C'est si difficile de lire quand on ne retrouve sien de soi*». E' tão difícil ler

quando não encontramos nada de nós próprios. Há quem conheça as pessoas pela qualidade de livros que lê. Lamartine, o escritor romântico da Elvira, porque impregnava os seus poemas e romances de um suave idealismo, de uma delicadeza terna e afectuosa, exclamava: «*tenho por mim os rapazes novos e as mulheres*».

Entretanto, importa sempre saber que obras convêm a determinado leitor ou a determinada leitora. As pessoas demasiado românticas precisam de temperar o seu sentimentalismo por vezes doentio com leituras sadias, optimistas que convidam à acção exterior. As idealistas devem intercalar os seus devaneios com banhos intensos de realidade. As apáticas, as indiferentes precisam de livros fortes que os levem a abraçar um ideal, com fervor.

O autor não se concebe, pois, sem o seu autor. A sua mensagem, as suas ideias, a sua observação, a sua análise interior, as razões psicológicas que ele explora no romance, a sua concepção do mundo e da vida, tudo isso é expresso com clareza, com elegância, na nobre missão de ensinar, de entreter ou recrear. Se quer atingir o fim que se propôs deve apresentar a matéria da sua obra sob a forma de arte. E' como o professor: tem de saber expor, tem de agradar. E' como o pedagogo: tem de espervitar a inteligência dos leitores, favorecer e desenvolver-lhes as qualidades latentes, formar-lhes a personalidade. Não impõe a sua autoridade. Como escreveu o autor inglês Charles Morgan, «*o dever de um artista é, não impor a sua visão aos homens, mas abrir-lhes os olhos; não captivar o espírito dos homens ou atrelar-se às suas opiniões, mas apresentar, pela sua obra, um perpétuo testemunho da existência de coisas como a sinceridade do espírito ou a pureza do coração, e provar que na miséria sórdida e na estupidéz do mundo moderno, ainda é possível ver a Deus*».

O leitor começa por ser um discípulo do escritor, ficando a dever a sua orientação, o rumo da vida à simples leitura de um livro. Assim aconteceu, por exemplo, aos escritores La Fontaine, Thierry, à já citada escritora sueca Selma Lagerlof, a Júlio Denis, etc. e aos cientistas Barão de Cuvier, a Faraday, Lord Kelvin, Luther Burbank, etc. Mas é interessante seguir depois a evolução mental do leitor, perscrutando-lhe a alma, as reacções, conhecer a sua equação pessoal, o seu trabalho de cultura, interpretar a sua atitude, o seu senso crítico, avaliar a sua imaginação.

Há leitores que não lêem: sonham. Só eles se encontram nos livros. São tão subjectivos, tão fantasistas que, transfigurados pelos livros, põem a imaginação no dorso doirado da quimera a correr por mundos largos. Sonham e criam para eles um mundo artificial e idealizado. E isto é resultante sobretudo da leitura absorvente das novelas e dos romances.

Há livros que graças aos temas, ao temperamento apaixonado e vibrante do autor, se leem com entusiasmo, com movimento, com paixão. Outros, porém, requerem atenção prolongada, precaução, intelecção viva e forte. Estes, como um fruto apeteçido de casca áspera, só se abrem inteiramente depois de porfiado labor. E Paul Valéry comenta com acerto: «*Só o leitor enérgico é que importa — sendo o único que pode tirar de nós o que nós não*

VIDA SINDICAL

Sindicato Têxtil

Sob a presidência do sr. Manuel Magalhães e com a presença dos srs. José Luís de Almeida e Joaquim de Castro Fontão, reuniu extraordinariamente a Comissão Administrativa deste Sindicato Nacional.

Aberta a sessão, o sr. Presidente procedeu à leitura duma carta que foi dirigida àquela Comissão pelo empregado da secretaria sr. Alberto da Silva Martins, pedindo a sua demissão do cargo que vinha desempenhando há doze anos consecutivos, para ir trabalhar para uma empresa particular.

O sr. Presidente enalteceu as qualidades do referido funcionário, que sempre cumpriu com os seus deveres profissionais, sendo trabalhador, zeloso, honesto e competente, propondo lhe seja prestada uma homenagem de gratidão pelos serviços prestados à *Causa Corporativa*.

O sr. Secretário teve palavras de admiração e conforto para o referido funcionário, elogiando a sua conduta e agradecendo não só em nome da Comissão Administrativa, mas também em nome de todos os trabalhadores têxteis, os serviços que durante 12 anos prestou a este Organismo Corporativo.

O sr. Tesoureiro disse que, lamentava profundamente a saída do referido funcionário, que a impedia se não fosse prejudicar o seu futuro, mas como se ausentava daquelas funções para seu bem, que esta Comissão desejava felicidades no seu futuro.

Em seguida usou da palavra o sr. Alberto Martins, que disse:

Estou profundamente agradecido por todas as atenções e gentilezas que me foram prestadas por V. E. e pelas Direcções cessantes e gratas recordações levo de todos os associados deste Sindicato Nacional, das entidades superiores ao serviço da Organização Corporativa, e só peço a Deus que me ajude na minha nova missão e felicidades para todos os que me escutam.

Associamo-nos às palavras de homenagem dirigidas pela Comissão Administrativa do Sindicato Têxtil ao sr. Alberto da Silva Martins por reconhecermos tratar-se, na verdade, de um funcionário digno de estima pelas boas qualidades que reúne.

Associação Artística

Recebemos um ofício em que o nosso prezado amigo sr. Luís Filipe Coelho, ao reasumir a presidência da direcção daquela prestante Colectividade, nos agradece a colaboração prestada pelo «Notícias» e nos comunica que a eleição dos novos Corpos gerentes para 1951 deu o seguinte resultado:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Magalhães; 1.º Secretário, José da Costa Pacheco; 2.º Secretário, Armindo Gonçalves.

Direcção-Efectivos — Presidente, Luís Filipe Gonçalves Coelho; Secretário, Carlos Alberto Cardoso; Tesoureiro, José Francisco Carneiro; Vogais, Francisco José Ferreira, Orlando Humberto Lemos Macedo, Caetano José da Costa e Benjamim de Castro Alves Ferreira.

Direcção-Substitutos — Presidente, João Xavier de Carvalho; Secretário, João de Oliveira Salgado; Tesoureiro, António Custódio Gonçalves; Vogais, José Mendes, João Machado, António José Pereira da Silva e José Maria de Oliveira Júnior.

Conselho Fiscal-Efectivos — Presidente, Alípio Teixeira Salazar Leitão; Secretário, José Ferreira; Relator, Patrício de Castro Henriques.

Conselho Fiscal-Substitutos — Presidente, José da Costa Barreira; Secretário, António Rodrigues de Oliveira; Relator, José de Sousa.

BRINDES

Recebemos da Casa C. N. KOPKE & C.º LTD., de Vila Nova de Gaia e por intermédio do seu conceituado agente em Guimarães sr. T. Mendes Simões, um vistoso calendário para o ano corrente. Agradecemos.

Também recebemos da Sociedade das Aguas do Vidago e por intermédio do seu representante nesta cidade sr. Amadeu José de Carvalho, um lindo calendário para o ano corrente. Agradecemos.

sabíamos que possuíamos». E' que os livros servem também de pretexto às nossas meditações, aos nossos estudos pessoais, aos nossos devaneios.

(Continua)

Venerável Ordem Terceira de S. Domingos

A mesa Administrativa em sessão de 8 do corrente com regozijo e reconhecimento registou os seguintes donativos:

Dos Ex.ºs sr.ªs: D. Ana Viamonte da Silveira Figueira de Sousa e José Figueira de Sousa, 50\$000; D. Joana de Freitas Ribeiro, por intermédio do Ex.º Sr. Dr. Carlos Saraiva, 500\$00; António José de Oliveira, Filhos, 200\$00; Vital Marques Rodrigues, 20\$00; Bento dos Santos Costa, & C.º Lda, 1 peça de pano; António J. P. de Lima, Filhos, & C.º, Lim.da 1 peça de pano; Empresa Industrial do Pevidém, 1 peça de riscado; Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Filhos, 6 cobertores de algodão; Domingos da Silva Salgado, pano para 21 lençóis; Albano M. Coelho Lima, retalhos; J. Pereira Fernandes, retalhos; Viúva de Joaquim da Cunha, 2 colchas de algodão; Adelino Ribeiro de Abreu, 2 colchas de algodão; João Ribeiro da Cunha, Filhos & C.º Lid.ª, retalhos; Fábrica de Tecidos de S. Miguel, retalhos; Francisco M. Coelho de Lima, 1 peça de pano; Dr. João Martins de Freitas, 1 caixa de figos do Algarve.

VITÓRIA SPORT CLUB

Quiso Convocatório

Nos termos do artigo 16.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária dos Sócios, para as 21 horas do dia 24 de Janeiro de 1951, na Sede do Clube, à R. D. João I n.º 83, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Leitura e aprovação da acta anterior;
- Meia hora para tratar de quaisquer assuntos, conforme o disposto do § 2.º do artigo 18.º;
- Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção de 1950 e parecer do Conselho Fiscal;
- Eleição dos Corpos Gerentes para 1951.

Se à hora marcada não comparecer número legal de Sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número, nos termos do artigo 18.º dos Estatutos.

Guimarães, 11 de Janeiro de 1951.

O Presidente da Assembleia Geral.

Aprígio Neves de Castro.

ATENÇÃO

RELOJOEIRO PROFISSIONAL

Ex-official da «Relojoaria Alemã», tem a honra de participar que conserta toda a qualidade de relógios, com a máxima seriedade, perfeição e rapidez. Preços módicos.

Rua da Caldeira, 51
GUIMARÃES 33

VENDE-SE

Estante com 12 gavetas. Rua de S. Torcato n.º 3 — Guimarães. 29

Véu de Senhora

Perdeu-se um véu preto no fim da missa do meio dia do dia 14 do corrente desde a igreja de S. Pedro até à Sapataria Luso.

Gratifica-se a quem o entregar nesta redacção. 28

TERRENO — Vende-se

Com 12 metros de largura e 50 de fundo, no prolongamento da Rua Paio Galvão. Para tratar com António da Silva Castro, Rua Paio Galvão, 15. 30

PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Vende-se 10.ª posição com vez de construção breve n.º entre 4.000 a 4.500. — Informa Braga & Carvalho ou esta redacção. 34

BATATAS DE SEMENTE

Nacionais e Estrangeiras

CERTIFICADAS

ADUBOS "TRIUNFANTE"

EXTRA-BATATA

Sacos de 50 quilos

da CASA

JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.ª, L.ª

Rua Mousinho da Silveira, 140-1.º — PORTO

Façam os seus pedidos ao seu

AGENTE EM GUIMARÃES

Pedro da Silva Freitas

(CHAFARICA)

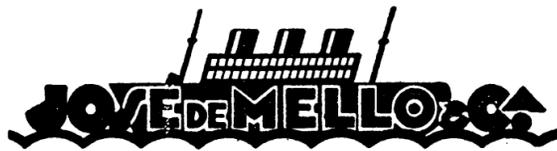
11 — Rua de Santo António — 13

TELEPHONE: 4221

Tel.: PERFEITAS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Notícias de Guimarães n.º 992 -- 21-1-1951

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Faço saber que por este Juízo de Direito — 2.ª secção de processos — e nos autos de acção ordinária — em execução de sentença — que Alberto Pimenta Machado, casado, comerciante, desta cidade, move contra Borges & Sousa, Limitada, sociedade comercial com sede na rua do Campinho n.º 9, 1.º, da cidade do Porto, e Outros, correm éditos de Vinte Dias, contados da 2.ª e última publicação deste, citando os credores desconhecidos dos executados Borges & Sousa, Limitada, com sede na cidade do Porto, — Jaime Pinto de Sousa, casado, comerciante, da rua General Torres, Vila Nova de Gaia, — José Francisco Borges Martins, solteiro, maior, comerciante, da referida rua General Torres, — e António José da Silva, solteiro, maior, proprietário, da rua de Santa Catarina, da mesma cidade do Porto, para, no prazo de Dez Dias, findos o dos éditos, virem, querendo, à execução deduzir os seus direitos, nos termos do disposto no art.º 864.º do Cód. Proc. Civil.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1951.

O Chefe de Secção,

Maurício da Ponte Machado

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva. 32

Anunciar no Notícias de Guimarães

Assinar no Notícias de Guimarães

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

Admite-se um 2.º escriturário, na Fábrica de Tecidos do Miradouro, com o vencimento de 1.100\$00. Deseja-se que tenha prática bastante para os serviços que lhe competem, que saiba redigir, que goze de boa saúde e não exceda 30 anos de idade. 31

Rádio Philips 1951

ÚLTIMOS MODELOS

Uma maravilha da técnica moderna

Vendas a dinheiro e com facilidades

STAND TRINDADE

Rua de Santo António, 53 — Guimarães.

A satisfação à grande aspiração de todos os RADIÓFILOS.

Máquinas de costura «HUSQVARNA»

a melhor garantia

Motores VAP

para bicicletas

Batata de Semente

nacional e estrangeira

Alfaias agrícolas

AOS MELHORES PREÇOS

L. NUNES PINTO 16

À FEIRA DO PÃO

Não se esqueça

De visitar no Toural a Casa Jaime. E' um novo estabelecimento de Camisaria, Gravataria, Chapelaria, Malhas, Gabardines, Luvas, Perfumarias e Brinquedos. 17

Artigos bons, bonitos e baratos.

CASA JAIME ao Toural

NÃO SE ESQUEÇA

Anunciar no Notícias de Guimarães

Assinar no Notícias de Guimarães